

## As Variações Linguísticas em Livros Didáticos do Ensino Médio

### The Linguistic Variations in High School Textbooks

Adriana Fernanda Pilati Gomes<sup>1</sup>

Instituto Federal do Tocantins/Universidade Federal do Tocantins

Andréa Luciana Pilati<sup>2</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Ângela Francine Fuza<sup>3</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** O objetivo deste artigo é de analisar as variações linguísticas presentes nos livros didáticos (LD), “Português: Trilhas e Tramas” e “Ser protagonista: língua portuguesa”, do 1º ano do Ensino Médio, ambos indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD, 2018). O trabalho fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Sociolinguística, especialmente, à luz da Sociolinguística Variacionista, contribuindo para a discussão sobre a heterogeneidade linguística e sobre a influência dessas atividades para a formação linguística dos alunos. Para isso, o estudo caracteriza-se como documental de cunho qualitativo. Quanto à seleção dos LD do 1º ano do Ensino Médio, a escolha se fez em virtude de o assunto “variações linguísticas” ser trabalhado nesse ano. Foi selecionada amostra representativa de três atividades que parecem refletir postulados teóricos metodológicos da Sociolinguística. Os resultados apontam para o ensino da língua em sua concepção orientada para o uso, ligando-se à fundamentação teórica da Sociolinguística. Porém, são necessárias discussões mais aprofundadas em relação às percepções das questões sociais que envolvem a língua.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação Linguística. Livro Didático.

**Abstract:** This work aims to analyze the linguistic variations present in textbooks, "Português: Trilhas e Tramas" and "Ser protagonista: língua portuguesa", from the 1st grade of High School, both indicated by the National Textbook Program (PNLD, 2018). This research is based on the theoretical assumptions of Sociolinguistics, specially, related to Variationist Sociolinguistics, contributing to the discussion about the linguistic heterogeneity and the influence of the classroom activities (from the textbooks) for the linguistic formation of the students. For that, the study is characterized as documental and qualitative. The textbook selected for this study was due to the subject "linguistic variations" to be taught to the 1<sup>st</sup> graders. It was selected substantial sample of three activities which seems to reflect on theoretical postulates methodologies of Sociolinguistics. The results point to the teaching of the language in its conception oriented to the use, linking to the theoretical foundation of Sociolinguistics. However, there is a need for more discussions regarding the perceptions of social issues involving language.

**Keywords:** Sociolinguistics. Linguistic Variation. Textbook.

---

<sup>1</sup> E-mail: adriana.gomes@ifto.edu.br

<sup>2</sup> E-mail: deapilati@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras, Campus de Porto Nacional, da Universidade Federal do Tocantins, UFT. E-mail: angelafuza@mail.uft.edu.br.

**Submetido em 05/12/2019.**

**Aprovado em 17/03/2020.**

## **Introdução**

Por muito tempo, a escola restringiu-se a letrar ao utilizar as tecnologias de simbolização “letra e escrita” de forma estanque, não produzindo, muitas vezes, algo significativo para seus alunos, visto que as variedades linguísticas e seus contextos sociais não eram levados em conta nesse processo. Ao pensar nisso, a disseminação de estudos da Sociolinguística, na área da educação, tem sido de grande contribuição para desconstruir a ideia de homogeneidade linguística e fomentar a aceitação das variedades linguísticas, sociais, culturais em uma sociedade tão heterogênea como o Brasil.

Mediante ao entendimento de que há uma gama de diversidades linguística, cultural e social que se manifestam de maneira diversificada, de acordo com a situação comunicativa recorrente, torna-se primordial verificar e discutir sobre variedades linguísticas em sala de aula, com vistas a contribuir para o processo de ensino e de aprendizagem.

Para a Sociolinguística, a língua existe enquanto interação social, (re)criando-se e (trans)formando-se em função do contexto sócio-histórico, e a possibilidade de contribuição da melhoria da qualidade do ensino da linguagem se dá porque trabalha sobre a realidade linguística dos usuários da língua. Para tanto, Willian Labov foi o precursor do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística, ao destacar o papel preponderante dos fatores sociais na explicação da variação linguística e quebra da estigmatização de uma língua padrão, homogênea e, desse modo, contribui para estudos nos quais consideram a variedade linguística como primícia para entender a língua.

No Brasil, a Sociolinguística tem seu marco em 1970, com o intuito de investigar a linguagem e relacioná-la aos fatores sociais que distinguem diferentes comunidades de fala para a desconstrução da ideia de homogeneidade linguística. Inspirados pela perspectiva laboviana, há muitos trabalhos desenvolvidos com suas bases na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), para a qual a variação e a mudança são inerentes às línguas como um fenômeno cultural.

A Sociolinguística tem se voltado para a análise das relações entre a estigmatização linguística e a mobilidade social ao debater o preconceito linguístico,

uma vez que se nota, ainda, uma educação calcada em muitos modelos pré-determinados de ensino. Ao adotar como referência o padrão culto, esses modelos desqualificam e excluem expressões “naturais” e legítimas de seus falantes, ao atribuir o conceito de “certo” ou “errado” para as suas manifestações de expressão comunicativa.

Conforme discorrido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Médio (BRASIL, 2016, p.72), considera-se a “Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e representação simbólica de experiências humanas, manifestadas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social”. Ressalta-se, assim, a importância de apresentar aos alunos as diversas possibilidades de uso da língua e a premissa da heterogeneidade inerente às múltiplas variedades e estilos de uma mesma língua para que o processo de aprender se torne algo mais significativo e próximo de sua realidade. Além disso, com a Base Nacional do Ensino Médio (BRASIL, 2018), na área de Linguagens e Tecnologias, a competência quatro trata justamente do foco na variação:

Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas e agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 486).

O aluno, então, ao final do EM precisa compreender as línguas e seu funcionamento, “como fenômeno marcado pela heterogeneidade e variedade de registros, dialetos, [...] respeitando o fenômeno da variação linguística, sem preconceitos” (BRASIL, 2018, p. 486).

O presente artigo objetiva analisar as variações linguísticas presentes nos livros didáticos (LD), “Português: Trilhas e Tramas” e “Ser protagonista: língua portuguesa”, ambos indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD- 2018), do 1º ano do Ensino Médio (EM), à luz da Sociolinguística Variacionista. As atividades selecionadas e analisadas estão presentes no capítulo “Variedades Linguísticas” em que é abordado o fenômeno das variações linguísticas. Na análise, verifica-se e aponta-se como a variação linguística é apresentada, ao discutir a importância do trabalho em sala de aula sobre a diversidade linguística.

Neste artigo, apresentam-se, inicialmente, breves considerações acerca da Sociolinguística, com o intuito de expor, em síntese, o percurso da área, ao levar em

consideração os fatores sociais para a explicação do uso da língua em contextos sociais diferentes. Na seção seguinte, abordam-se as variações linguísticas discutidas por Labov e outros pesquisadores. Para a análise de dados, apresentam-se as atividades selecionadas dos LD, relacionadas aos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista.

## 2 Sociolinguística: breves considerações

É por meio da língua que um indivíduo se constitui socialmente ao promover interações entre os seres humanos, conquista ou declínio social. Ou seja, a língua é muito mais do que falar, comunicar, informar, pois possibilita a oportunidade de expressar sentimentos, revelar conhecimentos, expor opiniões sobre os assuntos relacionados ao dia a dia, e, sobretudo, promover inserção ao convívio social.

Conforme Signorini (2002, p.77), “a língua não é somente a expressão da alma, ou do íntimo, ou do que quer que seja, do indivíduo; é acima de tudo a maneira pela qual a sociedade se expressa como se fosse a sua boca”. Sendo assim, fica inquestionável a relação entre linguagem e sociedade, visto que se pode afirmar que essa interação é a base da sistematização/organização da sociedade (ALKMIN, 2012).

Segundo Alkmin (2004, p. 31):

(...) o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Dessa maneira, o ponto de partida da Sociolinguística tem como seu objeto o estudo das diversidades, pautadas nas questões de ordem cultural e social; ao observar que a língua falada pode apresentar variações e, isso significa, ser representada por um conjunto de variedades. É uma ciência que estuda a linguagem em seu contexto social, com a tradição de estudos voltados para a questão da relação entre a linguagem e a sociedade. Nesse sentido, essa área vem delimitando seu campo de estudo e seu objeto, relações da língua e sociedade.

Para Salomão (2011), Paulston e Tucker (2003), o termo “Sociolinguística” foi cunhado, em 1939, no título do artigo de Thomas C. Hodson, *Sociolinguistics in India*

publicado no periódico *Man in India*. Conforme Alkmin e Camacho (2012), inicialmente, foi usado pelo linguista Eugene Nida, em 1949, na segunda edição de seu *Morphology*, mas há também a atribuição do termo a Haver Currie, que o empregou em um trabalho apresentado em uma conferência, em 1949, e, depois, na publicação *Southern Speech Journal*, em 1952.

O termo Sociolinguística, como um campo específico de estudo relacionado à uma área da Linguística, desenvolveu-se, a partir da década de 1960, ao representar o marco do início dos estudos mais sistemáticos na área, embora se saiba que muito antes são as suas origens.

Sua formalização inicial de uma escola teórica Sociolinguística teria acontecido em uma reunião, em maio de 1964, organizada por William Bright, na Universidade de Los Angeles (UCLA), com a participação de 25 linguistas, cuja produção científica focava, em sua maioria, no campo da Linguística social: relação entre linguagem e sociedade. Entre os participantes estavam William Labov, Dell Hymes, John Gumpertz, Charles Ferguson, entre outros, unidos pela vontade difusa de apresentar uma alternativa ao crescente prestígio e predomínio mundial de uma Linguística cada vez mais formal, representada pelas pesquisas de Chomsky, voltadas para a produção de modelos explicativos abstratos sobre a competência linguística (ALKMIN, CAMACHO, 2012).

Apesar de outros pesquisadores, como Uriel Weinreich, Charles Ferguson e Joshua Fishman, despertarem a atenção para uma série de fenômenos interessantes, tais como em que há coexistência de duas línguas ou dois dialetos numa comunidade ou num indivíduo, geralmente usados em contextos ou objetivos diferentes, a Sociolinguística tem seu berço, nos Estados Unidos, na década de 1960, com os estudos de William Labov (ALKMIN, 2012). Foi a partir dos trabalhos de Labov (1963, 1964, 1966 *apud* ALKMIN, CAMACHO, 2012) sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos), e sobre o estudo do inglês vernacular falado em Nova Iorque que os estudos variacionistas ganharam impulso. A Sociolinguística Variacionista surge no cenário linguístico como reação ao modelo gerativista (CHOMSKY, 1950 *apud* ALKMIN, CAMACHO, 2012).

Referenciado por Alkmin e Camacho (2012), é Labov (1964) o iniciador do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística, sendo o precursor do desenvolvimento da teoria da variação linguística. O autor define a teoria como

heterogênea, de caráter social, de variabilidade submetida, ao considerar a heterogeneidade como inerente à língua. São sistemas heterogêneos e não homogêneos, utilizados em seus estudos, diferentemente dos postulados por Saussure e Chomsky.

Desse modo, a teoria da variação e mudança nos permite analisar e sistematizar os diferentes tipos de variação linguística, já que, para Labov, a língua não se localiza na mente de seu falante, mas em seu uso real por uma comunidade de falantes (MENDES, 2015).

A partir dos estudos sociolinguísticos, é possível refletir sobre as relações entre formas linguísticas e espaço geográfico (dialetos), noções de comunidade linguística, significados e papéis sociais ao considerar as variedades linguísticas, nas situações de produção dos discursos dos interlocutores, bem como a compreensão da língua não poder ser tratada de forma isolada de quaisquer outros fatores.

Pelas considerações apresentadas, considera-se o estudo da língua, sob a definição laboviana, como heterogênea e plural, com variações devidas aos fatores sociais. Nessa perspectiva, embasa-se a análise, com o objetivo de investigar se esses fatores são apresentados dentro dos LD selecionados de língua portuguesa.

## 2.1 A variação linguística

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação (ALKMIN, 2004), pois percebe-se que toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. Ao compor o quadro da informalidade da linguagem, pode-se inferir a essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de “variações linguísticas”.

Nas pesquisas de Labov (1963, *apud* ALKMIN, CAMACHO, 2012), mais especificamente o trabalho sobre a comunidade na ilha de Martha’s Vineyard, Massachusetts, iniciaram baseadas na maneira como as pessoas se comunicavam na vida cotidiana ao relatar que os fatores sociais influenciavam na variação/diversidade linguística dos falantes. Ao observar a fala das pessoas, Labov notou o envolvimento de uma grande variação linguística, algo no qual a norma padrão não estaria pronta para explicar. Assim, observou-se que o estudo da variação linguística poderia fornecer subsídios para obter respostas claras para muitos dos problemas que não eram

resolvidos por uma visão discreta da estrutura linguística. Nas palavras de Labov (2008 [1972], p.13-14):

[...] existiam barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária. Primeiramente, Saussure tinha enunciado o princípio de que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado tinham de ser estudados separadamente (1949:124). Este princípio tinha sido consistentemente erodido por Martinet (1955) e outros que encontraram estrutura nas mudanças passadas, mas pouco progresso fora feito na localização da mudança nas estruturas presentes. A segunda barreira ideológica afirmava explicitamente que a mudança sonora não podia, em princípio, ser observada diretamente. Bloomfield defendia a regularidade da mudança sonora contra a evidência irregular do presente declarando (1933:364) que quaisquer flutuações que pudéssemos observar seriam apenas casos de empréstimo dialetal. Em seguida, Hockett observou que, embora a mudança sonora fosse lenta demais para ser observada, a mudança estrutural era rápida demais (1958:457). O estudo empírico da mudança linguística estava, portanto, eliminado do programa da linguística do século XX.

Iniciador do modelo teórico-metodológico convencionalizado como de “teoria da variação linguística” da Sociolinguística, o americano William Labov, “que a propôs como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo” (TARALLO, 1985, p. 7), tem por princípio a existência de uma ciência da linguagem social ao assumir a coexistência de variantes no seu uso e analisar a probabilidade de utilização delas.

Na pesquisa do referido pesquisador, foram relacionadas às variáveis sociais dos falantes como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico dos nativos da ilha de Martha’s Vineyard (ALKMIN, 2012). Diante disso, Labov voltava a insistir na relação entre língua e sociedade, e na possibilidade de se sistematizar essa variedade linguística existente e própria da língua falada.

A Sociolinguística (ALKMIN, 2012) estuda a variação linguística a partir de dois pontos de vista: diacrônico e sincrônico. Do ponto de vista diacrônico (histórico), o pesquisador estabelece ao menos dois momentos sucessivos de uma determinada língua, descrevendo-os e distinguindo as variantes em desuso (arcaísmos). Já do ponto de vista sincrônico (mesmo plano temporal), o pesquisador aborda seu objeto a partir de três pontos de vista: variações regionais (diatópicas ou geográficas), social (ou diastrático), e estilístico (contextual ou diafásico).

As variações históricas ocorrem de acordo com as diferentes épocas/momentos vividos pelos falantes, sendo possível reconhecer o português arcaico do português moderno. O interlocutor é capaz de distinguir as diversas palavras que ficam em desuso.

Esse tipo de variação acontece ao longo de um determinado período de tempo, podendo ser identificada ao se comparar dois estados de uma língua (passado/presente). Ao ler alguns textos de séculos passados, pode-se deparar com registros linguísticos que diferem com os de hoje. Alguns termos se tornaram ultrapassados, outros mantiveram-se, mas com algumas alterações. Como exemplo, cita-se o desuso de expressões com mesóclise, pois há estranheza quando alguém lê trechos bíblicos com uma linguagem mais antiga; gírias de uma determinada época; grafemas que caíram em desuso; vocabulário típico de uma determinada faixa etária.

No plano das variações regionais (diatópicas ou geográficas) são as que ocorrem de acordo com o local onde vivem os falantes ao sofrer sua influência. Este tipo de variação ocorre porque diferentes regiões têm diferentes culturas, com diferentes hábitos, modos e tradições ao estabelecer diferentes estruturas linguísticas. Se pensarmos no Brasil, ao observar sua vasta extensão territorial, é notória a sua constituição por regiões geográficas diversas em que as pessoas se comunicam de formas diferentes. Com isso, têm-se diferentes formas de pronúncia, vocabulário e estrutura sintática, como por exemplo: diferentes palavras para os mesmos conceitos; sotaques, dialetos e falares; reduções de palavras ou perdas de fonemas.

As variações diastráticas estão relacionadas aos fatores sociais, como etnia, sexo, faixa etária, grau de escolaridade e grupo profissional ao ocorrer de acordo com os hábitos e cultura de diferentes grupos sociais. Esse tipo de variação acontece porque diferentes grupos sociais possuem diferentes conhecimentos, modos de atuação e sistemas de comunicação. Porém, ela não compromete a comunicação entre os indivíduos. Como exemplos de variações sociais, citam-se gírias próprias de um grupo com interesse comum, como os skatistas; jargões próprios de um grupo profissional, como os policiais.

A variação estilística (contextual ou diafásica) ocorre de acordo com o contexto ou situação em que decorre o processo comunicativo ao ser conhecida por variação situacional. São exemplos desse tipo de variação a linguagem formal, considerada mais prestigiada e culta, usada quando não há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações que requerem uma maior seriedade, em que o grau de reflexão é máximo, cujo conteúdo é mais elaborado e complexo; e a linguagem informal, considerada menos prestigiada e culta, utilizado nas conversações imediatas do cotidiano, quando há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em



situações descontraídas. Não se deve confundir o estilo formal e informal com língua escrita e falada, pois os dois estilos ocorrem em ambas às formas de comunicação.

### 3 Metodologia

Ao refletir sobre o uso do LD, pensou-se em tê-lo como objeto de análise para verificar e analisar como a variação linguística é apresentada nas atividades, discutir sobre a importância do trabalho com a diversidade linguística ao abordar o papel preponderante dos fatores sociais na explicação da variação linguística. Acredita-se que essa discussão é relevante pelo reconhecimento da importância de trabalhos que utilizam dados que refletem o uso da língua em um contexto social heterogêneo, não estigmatizando as diversas formas de se falar a língua, contribuindo para a formação cidadã dos alunos.

Utilizou-se a pesquisa documental, de cunho qualitativo, pois escolhem-se os livros didáticos de língua portuguesa e, somente depois do conhecimento desses, foram escolhidas três atividades a serem analisadas, sempre com os olhos voltados aos postulados teóricos metodológicos da Sociolinguística, especialmente, à luz da Sociolinguística Variacionista. Ressalta-se a escolha de somente três atividades, visto que não haveria possibilidade da análise de todos os dois capítulos dos LD por se tratar de um trabalho de extensão menor.

Para o primeiro passo da pesquisa, foram escolhidos os LD de língua portuguesa a serem analisados: “Português: Trilhas e Tramas” (2016) e “Ser protagonista: língua portuguesa” (2016), do 1º ano do Ensino Médio (EM), ambos indicados pelo Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio – PNLEM – para o ano de 2018. A escolha dos referidos LD se deu pela razão de serem indicações do material didático a fazer parte da rotina escolar das autoras.

As atividades selecionadas do LD “Trilhas e Tramas” estão no capítulo 17 intitulado “Variedades Linguísticas”. Já as atividades do LD “Ser protagonista: língua portuguesa” estão no capítulo 10 “Uma língua, muitas línguas”. Ambos os livros são da 1ª série do Ensino Médio. Vale salientar que a temática acerca da variação linguística é abordada em LD dessa faixa etária ao justificar a sua seleção como instrumento de análise para este estudo.

O PNLEM é a política do Ministério da Educação (MEC) que tem como objetivos básicos a aquisição e a distribuição gratuita de livros didáticos aos alunos da rede pública do Ensino Médio. A seleção dos livros é por meio de edital lançado a cada três anos pelo MEC, em parceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), estabelecendo os critérios para as editoras interessadas se inscreverem. A análise é feita por especialistas na área de cada disciplina e, ao final, são apresentadas resenhas das obras aprovadas e as fichas com os critérios que nortearam a avaliação dos livros. Assim, as escolas recebem os catálogos como instrumento de apoio aos professores para a escolha dos LD que serão adotados pela sua escola.

Quanto à seleção dos LD serem do 1º ano do Ensino Médio, a escolha se fez em virtude do assunto “Variedades linguísticas” ser trabalhado nesse ano; quanto ao segmento EM, analisar como a formação dos alunos está sendo conduzida frente à importância do estudo e conhecimento mais amplo sobre a natureza heterogênea da língua ao apontar a língua como fenômeno social, valorizando e reconhecendo as mais diversas identidades que constituem a nação brasileira.

Os dados apontam quais variações linguísticas são utilizadas e analisam como essas atividades apresentam o fenômeno da variação linguística à luz da Sociolinguística Variacionista. As variações linguísticas verificadas nas atividades são: históricas, regionais (diatópicas ou geográficas), sociais (ou diastráticas) e estilísticas (contextuais ou diafásicas). A seguir, apresenta-se a análise das atividades dos LD.

#### **4 Atividades do LD “português: trilhas e tramas”**

Na abertura do capítulo “Variedades Linguísticas” do LD “Português: Trilhas e Tramas”, nota-se a intitulação “Na Bagagem” seguido com perguntas e orientações, remetendo aos conhecimentos prévios dos discentes acerca do assunto.

*“- É comum ouvirmos que o Brasil se fala uma mesma língua de norte a sul do país. Você concorda? Por quê?*

*- Que línguas e dialetos contribuíram para a formação da língua que falamos hoje?*

*- A língua portuguesa de Portugal é a mesma língua portuguesa do Brasil? Podemos afirmar que falamos uma “língua brasileira”?*

*- Moradores de áreas urbanas e rurais falam do mesmo modo?*

*- Médicos, professores, crianças, roqueiros, surfistas, trabalhadores rurais e profissionais de outras áreas usam a mesma variedade linguística? ”*

(SETTE *et al.*, 2016, p. 204).

As perguntas da abertura do capítulo têm como finalidade apresentar o assunto ao oportunizar um breve levantamento sobre as ideias, relatos de experiências, concepções ou preconceitos que os alunos poderiam possuir. Por meio das perguntas, poderão ser diagnosticados os juízos de valores dos discentes, sendo o professor mediador desse processo. Não há respostas sugeridas pelos autores nesta seção.

As três primeiras perguntas: *É comum ouvirmos que o Brasil se fala uma mesma língua de norte a sul do país. Você concorda? Por quê?*; - *Que línguas e dialetos contribuíram para a formação da língua que falamos hoje?*; - *A língua portuguesa de Portugal é a mesma língua portuguesa do Brasil? Podemos afirmar que falamos uma “língua brasileira”*, possibilitam aos alunos refletirem sobre um Brasil constituído por uma diversidade linguística “línguas e dialetos” e, sobretudo, ter a compreensão da contribuição de várias línguas para a formação da língua que temos hoje “língua brasileira”.

Ao dizer “língua brasileira”, pode-se inferir a separação da língua portuguesa de Portugal e a língua que se fala atualmente, tratando-se, assim, da “variação histórica”. Ressalta-se a importância de trabalhar a questão da identidade do Brasil por meio da construção da língua hoje falada. Ela representa o que somos hoje, muito longe da proposta inicial de nossos “colonizadores” (nossos grifos). É a prova de que a língua não é algo pronto, estagnado, definitivo; mas uma realidade dinâmica, em constante mudança.

Bortoni-Ricardo (2006) comenta que os professores deveriam almejar desenvolver uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes dos educandos, ligada às diferenças entre a cultura deles e a cultura adotada pela escola, como uma forma de conscientizar os educandos sobre as diferenças culturais quanto linguísticas.

Nas duas últimas questões, *-Moradores de áreas urbanas e rurais falam do mesmo modo; -Médicos, professores, crianças, roqueiros, surfistas, trabalhadores rurais e profissionais de outras áreas usam a mesma variedade linguística?*, são tratadas dois tipos de variações: regionais (diatópicas ou geográficas) e sociais (diastráticas).

A variação regional é abordada pela diferenciação entre as falas da zona urbana e zona rural ao instigar os alunos se há diferenças. Já no que diz respeito às variações sociais, remetem-se em relação à inserção de vários fatores sociais como etnia

(roqueiros e surfistas); faixa etária (crianças); grau de escolaridade e grupo profissional (professores, médicos, trabalhadores rurais). Embora não haja respostas que mostrem aos professores explicitamente sobre os nomes das variações aqui citadas, há uma orientação de como proceder:

*“Inicie o capítulo propondo aos alunos uma discussão sobre os versos de Oswald de Andrade, que permitem várias leituras. Por meio deles, o eu lírico parece valorizar a identidade sociolinguística e o trabalho do povo; questionar aqueles que usam a norma-padrão teriam a habilidade de construir telhados; defender que, se a variedade usada pode ser compreendida, ela deve ser aceita e respeitada; levar o leitor refletir que a língua utilizada pelo falante que tem prestígio social é valorizada em detrimento da língua do falante sem prestígio social, entre outras possibilidades” (SETTE et al., 2016, p. 204).*

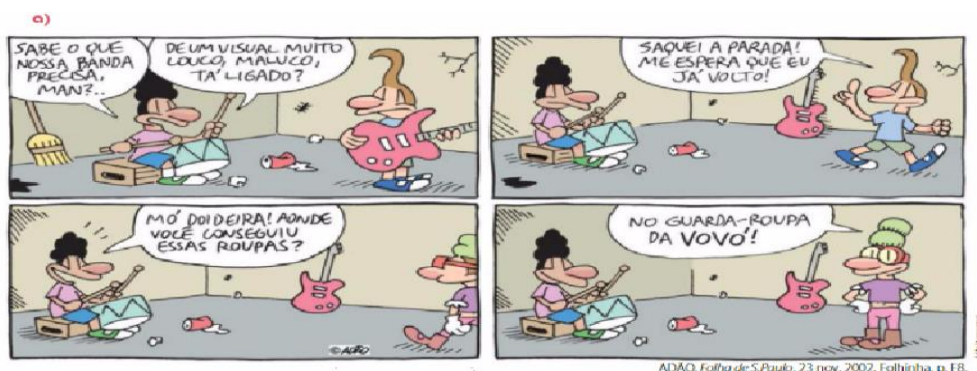
Na abertura desse capítulo, possibilita-se o despertar da desconstrução da identidade de homogeneidade linguística valorizada e restringida, por muitos séculos, pela instituição “escola”. Por meio dessa atividade inicial, é possível transformar o ambiente escolar em algo mais significativo para seus alunos, visto que as variações linguísticas, em seus contextos sociais, não eram levadas em conta na língua-padrão apresentada pela escola anteriormente.

Na atividade a seguir, observa-se um exercício com vários enunciados relacionados à variação regional e social. Segue o comando do exercício:

*“Os textos a seguir apresentam diversas variedades linguísticas que ilustrem a variação regional e social (por conta de diferenças de faixa-etárias, profissão etc.). Leia-os e, com base nas informações e nos conceitos aprendidos anteriormente, identifique o tipo de variação linguística por cada um deles. Registre suas repostas no caderno” (SETTE et al., 2016, p. 209).*

Pela explanação, observa-se que a atividade é meramente de identificação das variações linguísticas, porém, isso não impede a ampliação da discussão acerca da temática conduzida pelo professor.

Na Figura 1, representada pela alternativa “a”, constatou-se a variação linguística ao utilizar as variáveis sociais.



**Figura 1.** Alternativa “a” do exercício 1  
 Fonte: SETTE et.al (2016)

A variável social evidenciada é por conta da faixa etária. Observa-se o uso de gírias, jargões, pessoas jovens na construção dos quadrinhos. Em relação à proposta das autoras, a resposta sugerida ao professor é de justificar essa “variável social” como relativa ao vocabulário de “jovens, adolescentes e roqueiros”. Porém, é importante o professor ter cautela de não “catalogar/estereotipar” a comunidade “roqueiros” com tais características, visto que se pode ser roqueiro e não apresentar o vocabulário utilizado no texto. É importante o professor gerar um debate nesse sentido.

A Figura 1 é apresentada por meio do gênero discursivo tira. O trabalho com o uso de tiras em sala de aula é a sua proximidade com o cotidiano ao tratar sobre temas atuais, divertidos e que marcam épocas. Marcuschi (2008, p. 155) salienta sobre os gêneros apresentarem “padrões sócio comunicativa característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas”, possibilitando ao aluno atribuir sentidos sociais e ideológicos.

Nos enunciados “b” e “c”, é abordado a variável social associada ao regionalismo.

*b) Trezentas onças*

*- Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim parar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar.*

*Parece que foi ontem!... Era fevereiro; eu vinha abombado da troteada.*

*- Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei; e, estendido nos pelegos, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morruda. [...]*

(LOPES NETO, Simões. Cantos gauchescos & lendas do Sul. Rio Grande do Sul: L&PM Pocket, v.102, 1998, p.16, *apud* SETTE et al, 2016, p. 210).

*c) - O pimpolho aproxima-se da mãe e se queixa:*

*- Ei, mãe essa molecada da rua só vive xingando comigo. Ficam me chamando de magricela, empambado, burro.*

*- Liga não, filhinho. A vida é assim mesmo. Você não deve ofender com essas bobagens, viu?*

*- Isso não é nada, mãe. A senhora nem imagina o que o pessoal fala da senhora...*

(SOBRAL, Raymundo Mário. Dicionário Papachibé- A língua paraense. Belém: Secult/PA, 1998.v.II.p.85, *apud* SETTE et al, 2016, p. 210)

Os enunciados mencionados são marcados pela heterogeneidade da língua, ou seja, pelas variações entre o discurso dos falantes de duas regiões opostas

geograficamente: sul e norte. Contudo, o LD não apresenta questões que abordem discussões em relação às variações da “língua brasileira” para a construção de nossa identidade. A atividade trabalha a variação linguística que se limita a fenômenos de prosódia (sotaque) ou de léxico (empambado, pálido), e não evidencia o fato de a língua apresentar variabilidade em todos os seus níveis.

Vale ressaltar a importância dada pelo o LD “Português: Trilhas e Tramas” em apresentar atividades que contribuem com entendimento das variações linguísticas, não observando a estigmatização de formas de falar em benefício de outra. Não é colocada ao leitor usuário a falsa ideia de que só existe variação na língua falada, por pessoas de escolarização formal, o que poderia cristalizar a indesejada sinonímia “variação = erro”. Todavia, a atividade da página 210 poderia ter gerado mais discussões acerca do assunto, não se limitando em “identificar” e “catolagar” os tipos de variáveis. Todavia, o docente pode fazer um direcionamento mais aprofundado, mediante a uma formação voltada para a visão do trabalho nesta perspectiva: relação de língua e sociedade.

#### 4.1 Atividades do LD “ser protagonista: Língua Portuguesa”

O LD “Ser Protagonista: Língua Portuguesa” apresenta a leitura de um trecho do poema “Noturno de Belo Horizonte”, de Mário de Andrade, e quatro questões acerca da temática “Variações linguísticas”. Esse poema apresenta as variações regionais (diatópicas ou geográficas) de várias regiões “cariocas; capixabas; paroaras (homem ou mulher natural do Pará) ”.

*“Leia a seguir um trecho do poema “Noturno de Belo Horizonte”, de Mário de Andrade.  
Que importa que uns falem mole descansado  
Que cariocas arranhem os erres na garganta  
Que capixabas e paroaras escancarem as vogais?  
Que tem se os quinhentos réis meridional  
Vira cinco tostões do Rio pro Norte?  
Juntos formamos este assombro de misérias e grandezas,  
Brasil, nome de vegetal!...” (BARRETO et al, 2016, p. 160)*

As questões “a” e “b” sobre o trecho do poema solicitam, respectivamente, a que tipo de variação linguística o eu lírico faz referência e a identificação das variações no poema: a) *A que tipo de variação linguística o eu-lírico faz referencia nesse trecho do poema?;* b) *Em que versos esse tipo de variação linguística é evidenciado?* (BARRETO et al., 2016, p. 160). Como sugestão de resposta da letra “a” tem-se:

“Variação regional ou geográfica ao referir, especialmente, ao aspecto lexical e ao fonológico”. Já na letra “b”, a resposta está presente nos versos “1, 2, 3, 4 e 5”. Em suma, as duas primeiras questões limitam-se aos aspectos lexicais e fonológicos e não apresentam uma discussão sobre a heterogeneidade linguística.

Nas questões “c” e “d”, são abordadas reflexões acerca da variação linguística, presente no trecho do poema “Noturno de Belo Horizonte”. Seguem as sugestões de respostas das questões:

- c) O eu-lírico compreende essas diferenças de forma natural, espontânea, como algo relacionado às diferentes formas de se expressar, seja na pronúncia das palavras, seja na seleção do léxico. A expressão do poema que confirma essa afirmação é “Que importa”.*  
*d) A conclusão de que, apesar da diversidade linguística e das dimensões continentais, o Brasil constitui um país com características próprias. (BARRETO et al., 2016, p. 160).*

As sugestões das respostas do LD demonstram as diversas formas do “falar a língua brasileira”. Nessa perspectiva, apresenta-se a construção da “língua brasileira” por pessoas que falam “mole descansado (verso 1)”, “cariocas arranhem os erres na garganta (verso 2)”, “capixabas e paroaras escancare as vogais (verso 3)”, permitindo a reflexão acerca da construção da identidade nacional “Juntos formamos este assombro de misérias e grandezas (verso 6)” que não pode ser somente levado em consideração um nível padrão da língua ou variedade linguística de prestígio (BRASIL, 1999).

Na atividade de compreensão e interpretação do trecho do poema “Noturno de Belo Horizonte”, é possível colaborar para o desenvolvimento reflexivo crítico nos alunos acerca da necessidade de a linguagem ser compreendida e respeitada em seus fatores sociais, econômicos e situacionais. Esses aspectos precisam ser observados sobre o tema da “Pluralidade Cultural” com o intuito de contribuir para a construção da cidadania na sociedade pluriétnica e pluricultural, conforme os PCN (BRASIL, 1997):

- conhecer a diversidade do patrimônio etnocultural brasileiro, cultivando atitude de respeito para com pessoas e grupos que a compõem, reconhecendo a diversidade cultural como um direito dos povos e dos indivíduos e elemento de fortalecimento da democracia;
- compreender a memória como construção conjunta, elaborada como tarefa de cada um e de todos, que contribui para a percepção do campo de possibilidades individuais, coletivas, comunitárias e nacionais;
- valorizar as diversas culturas presentes na constituição do Brasil como nação, reconhecendo sua contribuição no processo de constituição da identidade brasileira;
- reconhecer as qualidades da própria cultura, valorando-as criticamente, enriquecendo a vivência de cidadania;

- desenvolver uma atitude de empatia e solidariedade para com aqueles que sofrem discriminação;
- repudiar toda discriminação baseada em diferenças de raça/etnia, classe social, crença religiosa, sexo e outras características individuais ou sociais;
- exigir respeito para si e para o outro, denunciando qualquer atitude de discriminação que sofra, ou qualquer violação dos direitos de criança e cidadão;
- valorizar o convívio pacífico e criativo dos diferentes componentes da diversidade cultural;
- compreender a desigualdade social como um problema de todos e como uma realidade passível de mudanças;
- analisar com discernimento as atitudes e situações fomentadoras de todo tipo de discriminação e injustiça social. (BRASIL,1997, p. 143)

Diante da pluralidade de línguas em que se constrói a identidade brasileira, é válido e mais significativo para nossos alunos, o entendimento da nossa língua a partir da perspectiva da aceitação de diversas formas de uso. É importante o trabalho com a variação linguística por entender que a inclusão de várias formas de falar é um fator decisivo para incluir ou excluir um sujeito.

Nessa perspectiva, Soares (2002) afirma que:

É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes linguísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos linguísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada. (SOARES, 2002, p. 17)

Em relação à apresentação de diversas formas de falar a “língua brasileira”, nas atividades dos LD apresentados neste artigo, pode-se refletir sobre uma variação como uma espécie de “caos” organizado (TARALLO, 1985), voltando os olhos para a imensa variação linguística em nossa sociedade. Vale ressaltar, a importância de estudos a fim de contribuir para a formação mais reflexiva sobre a linguagem, de modo que o aluno compreenda as diferentes formas de comunicar na escola e na sociedade de modo geral.

## **Conclusão**

Este artigo reforça a importância de discussões sobre a variação linguística, trabalhadas em LD, um dos instrumentos mais empregados pelos professores no contexto escolar. As análises foram realizadas com a finalidade de verificar como as ideias sobre o fenômeno da variação se propagaram nas atividades dos LD: “Português:



Trilhas e Tramas” e “Ser protagonista: língua portuguesa”, indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para o ano 2018.

Nas atividades selecionadas e analisadas, as variações linguísticas verificadas são históricas, regionais (diatópicas ou geográficas), sociais (ou diastráticas) e estilísticas (contextuais ou diafásicas). A partir das atividades e orientações fornecidas pelos livros, infere-se que os autores abordam o fenômeno da variação linguística, pautando-se nas teorias da Sociolinguística Variacionista ao discutir e refletir sobre a importância da formação do aluno voltada para o entendimento da heterogeneidade da língua para a construção da identidade da “língua brasileira”.

Nota-se a conscientização da necessidade da abordagem da variação linguística na escola, evidenciado nas atividades sobre as diversas formas de falar como fator importante para a construção da sociedade onde vivemos. Ressalta-se, porém, que há apenas um capítulo a respeito do assunto “variação linguística” em cada LD, apresentado neste artigo, o que reflete a necessidade de ampliação do tema no contexto escolar. Essa compreensão nos faz refletir sobre o papel das instituições formadoras de tal modo que estas não sejam reprodutores das desigualdades e não contribuam para perpetuar o fosso existente entre a classe mais prestigiada e a menos favorecida, a fim de transformar as reflexões em proposta alternativas voltadas à valorização da pluralidade escolar. Com isso, promove-se, por exemplo, o desenvolvimento do trabalho com habilidades, no EM, como:

(EM13LP17) Analisar o fenômeno da variação linguística [...] em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades linguísticas de prestígio e estigmatizadas, e a fundamentar o respeito às variedades linguísticas e o combate a preconceitos linguísticos (BRASIL, 2018, p. 500).

Em suma, em relação às atividades dos LD, observa-se a apresentação da língua em sua concepção orientada para o uso ao ligar-se à fundamentação teórica da Sociolinguística. Embora as atividades aqui apresentadas tragam reflexões relacionadas à variedade linguística, salienta-se que as propostas poderiam propiciar de uma forma mais aprofundada a percepção das questões sociais que envolvem a língua, isto é, os contrastes, conflitos, aproximações e distanciamentos entre as variedades estigmatizadas e as variedades de prestígio, ao ajudar no combate do preconceito linguístico tão

arraigado em nossa cultura. Isso não impede que o professor possa gerar discussões nesse sentido, a partir do que foi apresentado pelos livros, para contribuir para a formação dos alunos.

### Referências

ALKMIN, T. M. Sociolinguística. *In: MUSSALIM, F.; BENTES. (Org.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras I.* 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ALKMIN, T. M. Sociolinguística. *In: MUSSALIM, F.; BENTES. (Org.) Introdução à Linguística: domínios e fronteiras I.* 9 ed. São Paulo; Cortez; 2012.

BARRETO, R. G.; MARTINS, M.; GONÇALVES-SANTA BÁRBARA, M.; CLETO, M. L. V.; BERGAMIN, C.; PAIVA, A. M. *Ser protagonista: língua portuguesa. 1º ano: ensino médio.* 3ª ed. São Paulo: Edições SM, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.* Brasília: MEC/SEMTEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.* Brasília: MEC/SEMTEC, 1999. 4v

BRASIL, MEC/Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares do Ensino Médio: MEC/SEF, 2016.*

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC).* Brasília: MEC; SEB, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. *PNLD 2018: língua portuguesa – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.* Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017. 109 p. Disponível em:

<http://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-livro-didatico/item/11148-guia-pnld-2018>. Acesso em: janeiro de 2018.

BORTONI-RICARDO, S. M.. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LABOV, W. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [*Padrões Sociolinguísticos*]. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDES, R. B. Língua e variação. In: FIORIN, José Luiz (Org.) et al. *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2015.

PAULSTON, C.B.; TUCKER, G. R. History of sociolinguistics: introduction. In: PAULSTON, C.B.; TUCKER, G. R. *Sociolinguistics: the essential readings*. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

SETTE, G; SILVA, I. R.; TRAVALHA, M.; STARLING, R.; *Português: trilhas e tramas*, 2ª ed. São Paulo: LeYa, 2016.

SIGNORINI, I. *Língua (gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

SALOMÃO, A. C. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul. /dez. 2011. p. 187-207

SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.